

hombre a desarrollar los instrumentos musicales, de los cuales, registros históricos apuntan para los que se utilizan del bisel para producir sonidos, como siendo los mas antiguos. Con el pasar de los tiempos, los instrumentos se desarrollaran y se tornaran mas completos, configurándose en los días actuales como una posibilidad de práctica musical en las escuelas. Mostrar de manera concisa esa historia, es el objetivo de este artículo, que trata de una encuesta bibliográfica.

Palabras-clave: ocarina, flauta dulce, historia.

1. PRIMEIRAS PALAVRAS

Instrumentos que se utilizam do bisel para emitir sons existem em várias culturas ao redor do mundo, com os mais variados formatos e nomes, mas com o mesmo princípio para a produção sonora. O *pinkillo* e a *quena*, instrumentos andinos, são um bom exemplo. No entanto, as mais conhecidas e difundidas são a flauta doce³ e a ocarina.

Instrumentos como a flauta doce e a ocarina são muito antigos e suas origens podem remontar com a da própria humanidade. A ocarina, instrumento de corpo globular em forma de vaso, é um tipo de flauta ovoíde, usada no mundo todo, sem especificidade no que diz respeito à sua origem.

Os materiais nos quais a ocarina é fabricada são muito variados e mudam de acordo com a cultura local de uso. São encontrados em pedra, cerâmica, madeira e bambu, sendo suas formas também variáveis. Elas podem se apresentar tanto em formato oval quanto em animal. Na Antiguidade, o uso da ocarina estava associado ao culto às divindades.

Já a flauta apresenta um repertório menor de formas, normalmente um apito, conectado a um tubo cilíndrico ou oval. No que diz respeito à sua origem, não há qualquer datação específica. Não obstante, ultimamente, dados de arqueólogos alemães apontam para a existência de flautas de osso de mamute, com 17 e 18 centímetros, encontradas na caverna de *Geibenklöuml*, próxima à cidade de Ulm, no sul da Alemanha.

Nicholas Conard, da Universidade de *Tübingen*, na Alemanha, e seus colegas reportaram tal descoberta na última edição da revista *Archäologisches Korrespondenzblatt*. Os pesquisadores determinaram a

³ Toda a referência a este instrumento será feita apenas com flauta. Para as demais, serão utilizados suas designações completas, por exemplo, flauta transversal.

idade das flautas de 30.000 a 37.000 anos, noticiou a universidade em seu *site* (BENASSI, 2013: 01-02).



Figura 01 O bisel da flauta seguido pelo bisel da ocarina. Fonte: Google Imagens.

Os instrumentos apresentados, neste texto, além de se distinguirem pelo formato, possuem outras características distintas muito marcantes. Por exemplo, o bisel da flauta normalmente é de lábio reto, já o da ocarina é circular, como se pode notar na figura 01. A flauta possui uma abertura no pé chamada de campânula; a ocarina é totalmente fechada, tendo aberturas apenas nos ofícios para modulação de som, lábio e canal.

2. CERÂMICA, PEDRA, MADEIRA, BAMBU E UM BISEL: A OCARINA COMO ELA É

Encontrada em quase todas as culturas do mundo, a ocarina esteve presente no cotidiano dos povos primitivos, com registros mais antigos datando de 1.000 anos a.C. Esses registros também provam a existência deste instrumento nas culturas *Zacatenco* no México e *Baiana* no Equador (LIGGINS e LIGGINS, 2003: 02).

As ocarinas das culturas *Zacatenco* e *Baiana* eram confeccionadas com argila em formas de pessoas influentes daquelas sociedades ou de animais considerados sagrados, e, ainda, representando cenas do dia a dia. Usadas no pastoreio ou em rituais de adoração, esses instrumentos geralmente possuíam de quatro a sete orifícios, sendo um para a entrada do ar no canal e outro para a saída, em que se localizava o lábio; e de dois a quatro orifícios para a modulação do som (LIGGINS e LIGGINS, 2003: 02).

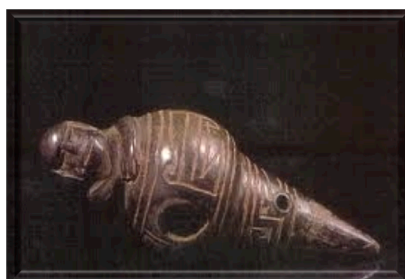


Figura 02 Ocarina em forma de caracol da cultura *Nariño*. Fonte: Google Imagens

Em formato de caracol grande e/ou concha marinha, o instrumento ocarina estava presente, conforme registros, nas culturas *Nariño* (Província de Carchi), vide figura 02, *Esmeraldas* e *Quilaunga*, no Equador, datando de 400 a.C. e 400 d.C. respectivamente. No México, a cultura *Colima*, que existiu no período protoclássico (100 a.C. a 250 d.C.), deixou-nos preservadas ocarinas em forma de pássaros em voo, com longos bicos e cinco orifícios para os dedos, produzindo cinco diferentes intervalos (LIGGINS e LIGGINS, 2003: 03).



Figura 03 Ocarinas em formato de animais da cultura *Colima*. Fonte: Google Imagens.

Outras culturas também deixaram vestígios deste tipo instrumento de bisel. Por exemplo, há indícios de sua presença na Costa Rica, nas culturas *Chorotega*⁴ e *Hueter* (800 d.C. a 1200 d.C.); no Panamá, na cultura *Chiriqui* (500 a 1100 d.C.); na Colômbia, na cultura *Tairona* (1000 a 1500 d.C.); e na cultura *Inca* (1400 a 1476 d.C.) no Peru. O instrumento também

⁴ Esta cultura passou por duas fases: a primeira foi a *Caralina* (300 a.C. a 1200 d.C.) e a *Palo Blanco* (800 d.C. a 1200 d.C.).

aparece em Papua Nova Guiné, China e Japão (LIGGINS e LIGGINS, 2003: 03).

Em relação à invenção do instrumento ocarina como o conhecemos, hoje, sua autoria é atribuída a Giuseppe Donatti, ceramista italiano que fabricava assobios em forma de pássaros, para se divertir. No ano de 1853, aos 17 anos de idade, além de bem-humorado, Donatti era bom músico e se sustentava vendendo esses assobios nas feiras budrienses aos domingos. Mediante essa atividade, o músico entra para a história do instrumento (LIGGINS e LIGGINS, 2003: 10).

Donatti explorou por muito tempo sua invenção, por meio de experimentos e músicas. A partir de um momento, dedicou-se à criação de ocarinas em tempo integral até o fim da vida. O modelo da figura 04, desenvolvido para exportação voltada para o mercado alemão, na década de 1870, continha a impressão de seu nome (LIGGINS e LIGGINS, 2003: 03).



Figura 04 Ocarina de Donatti, medindo 190 mm. Ao lado, impressão do nome (Timbre).
Fonte: Google Imagens.

Outros fabricantes prestigiosos também entraram para a história da ocarina. Na Europa, os Irmãos *Mezzetti* foram os responsáveis pela popularização deste instrumento, sendo-lhes atribuída, inclusive, a autoria das publicações mais importantes da época sobre a flauta vaso. Na França, Charles Mathieu desenvolveu uma ocarina com chaves. Já em Viena, na Áustria, e nos E.U.A, este instrumento foi e ainda é produzido em massa (LIGGINS e LIGGINS, 2003: 12-15).

Na Itália, a cidade de Brudrio é considerada o berço do nascimento da

ocarina de concerto, onde ainda se conserva a tradição de fabricação desse instrumento, concentrando a maior parte dos melhores fabricantes do mundo. Na mesma cidade também está o melhor e mais conhecido grupo ocarinista da história e também o da atualidade (LIGGINS e LIGGINS, 2003: 16-19). Nos E.U.A, a ocarina é muito popular a ponto de ter sido utilizada, por exemplo, como terapia para soldados na guerra; no Japão, ela faz parte de uma nova tradição musical.

Em relação ao desempenho técnico do instrumento ocarina, sabe-se que ele possui uma extensão limitada, em outras palavras, esse instrumento não apresenta desempenho mediante a técnica de soprar mais forte para “oitavar” notas. Isso porque a caixa de ressonância da ocarina cria uma onda sonora senoidal que a impossibilita de criar sobreposições harmônicas. Uma maneira de amenizar essa limitação tem sido a produção de ocarinas duplas e triplas, isto é, instrumentos com duas ou três câmaras com apitos (bisel) independentes. De acordo com Liggins e Liggins (2003: 19-29), isso permite que o instrumento alcance até três oitavas de extensão.

Ressalta-se também que algumas técnicas de expansão da flauta aplicam-se à ocarina, com um resultado sonoro bastante interessante, dentre elas, podem-se destacar os mono e/ou multifônicos e o simulador de transmissor de ondas.

3. MADEIRA, BAMBU, RESINA E UMA BISEL: A FLAUTA E SUA HISTÓRIA

A flauta é um instrumento de sopro da família das madeiras. Confeccionado com os mais diversos tipos de madeiras, esse instrumento constitui-se em um “apito”, conectado a um tubo cilíndrico ou oval, com orifícios distribuídos ao longo de seu corpo (BENASSI, 2013: 01).

Em relação à origem deste instrumento, embora não haja qualquer datação com precisão, O’Kelly assinala que:

Registros arqueológicos provam a existência de instrumentos desta família desde a pré-história, sendo que estes instrumentos eram simples, feitos de cana, bambu, osso ou

madeira, comuns às culturas populares, demonstrando o fascínio delas pelo som desse instrumento que deve ser tão antigo quanto a própria humanidade (1990: 20).

O’Kelly (1990: 20) supõe que a flauta tenha se desenvolvido com base em um apito folclórico, presente nas culturas europeias e noutras ainda mais remotas. O autor reconhece, no entanto, que há poucas evidências que assegurem a existência de um processo de transição do simples apito para o instrumento flauta tal como se apresenta atualmente.

Na Holanda, na cidade de Dordrecht, foi encontrado em um fosso numa casa um instrumento que pode ser classificado como a flauta mais antiga, cuja imagem (cf. figura 5) está exposta, atualmente, no Gemeentemuseum em Haia. Conforme O’Kelly (1990), a casa fora ocupada entre 1335 e 1418. Assim, embora sem datação precisa, pode-se afirmar que se trata de um instrumento do final do século XIV para o início do século XV.



Figura nº 5 A flauta de Dordrecht. Fonte: Google Imagens.

A flauta recebe diferentes nomes. Ao se ter como base a sonoridade do instrumento, a mesma designação lhe é dada em italiano, espanhol e português, a saber, *flauto dolce*, *flauta Dulce* e flauta doce, respectivamente. De outro modo, ao se ter como referência o bloco ou componente bucal, em alemão, *blockflüte* e, em holandês, *blokfluit* também são designações semelhantes.

Em inglês, o instrumento flauta recebe o nome de *recorder*. Com a possibilidade de tradução para o português como “gravador”, a origem do termo é bastante controversa e causa muita discussão acadêmica. A derivação obsoleta do verbo *to recorder* (gravar) é a versão mais aceita. Supõe-se que o termo latino *ricordari* ou o italiano *ricordo* tenham

colaborado para esta designação⁵.

Desse modo, no que diz respeito à denominação do instrumento flauta, O’Kelly observa que:

Na Europa, a flauta doce teve muitos nomes em diferentes épocas da sua história, a maioria deles referindo-se à construção ou à sonoridade do instrumento, incluindo a designação de "flauta"; exemplos são os nomes em alemão *Schnabelflöte* e a francesa *Flûte à neuf trous*. Atualmente, a flauta doce é conhecida na Alemanha como *Blockflöte*, na Itália *Flauto Dolce* ou *Flauto Diritto*, na França como *Flûte à Bec* e na Holanda como *Blokfluit* (1990: 20-21). **[grifos da autora]**

No que diz respeito à composição material do instrumento flauta, ele é construído em duas ou três partes: bocal, corpo e pé, nos casos de modelos soprano a tenor. Já os modelos baixos ou mais graves do que as de três peças com chaves podem ter uma outra parte chamada tudel.

A flauta possui de oito a dez orifícios, dispostos ao longo de seu corpo e pé. O “furo zero” para o polegar esquerdo, conforme designa Hauwe (1984: 06), tem a mesma função que a chave de oitava de outros instrumentos. Os de números um, dois e três, para os dedos *indicador*, *médio* e *anelar* da mão esquerda, respectivamente. Os demais orifícios são destinados aos dedos da mão direita, os que correspondem aos dedos *anelar* e *mínimo* podem ser simples, nos modelos renascentistas, e duplos nos barrocos.

A flauta é diferente de todos os outros tipos de instrumentos de sopro direto que produzem som por meio do bisel. O que a distingue dos demais é o orifício do polegar esquerdo. Nas palavras de O’Kelly:

A flauta doce é distinta das outras flautas contando com a presença do buraco do polegar que, quando “ventilado” ou parcialmente aberto, auxilia o instrumento na elevação da oitava e tem a mesma função que a chave de oitava em outras madeiras. Outro diferencial é a forma do furo interno, que é caracteristicamente cônica, afinando em direção ao pé (1990: 23). **[grifo da autora]**

⁵ Edgar Hunt, em *The Recorder and its Music*, dá um relato completo desses nomes e suas derivações.

Na figura 7, abaixo, apresenta-se o que seria uma família de flauta.



Fig. 7 A família da flauta. De baixo para cima: contrabaixo; baixo com tudel; baixo com bocal curvo; tenor; alto; soprano e sopranino. Fonte: Google Imagens.

Conforme se pode observar na figura 7, uma família da flauta é constituída basicamente pelos quatro naipes: soprano, alto, tenor e baixo. No entanto, existem outras menores ou maiores que o quarteto de naipes, como a supra-sopranino e a sopranino na extremidade mais aguda, e as contrabaixo e sub-baixo na região mais grave. A soprano ganhou maior destaque devido a seu tamanho e uso massivo na educação musical. Quanto ao uso da tenor e da baixo, O'Kelly pontua que:

As flautas doces tenor e a baixo são usadas principalmente em consortes de flautas, embora ambas agora estejam se tornando atraentes para compositores como instrumentos solistas, tendo sido utilizados em uma série de obras vanguarda. Em ambas as extremidades da tessitura coberta por estes quatro estão as flautas doces sopranino na extremidade superior e a contrabaixo e a sub-baixo na extremidade inferior (1990: 23).

Apesar da flauta soprano gozar de grande popularidade, e das flautas tenor e baixo estarem sendo descobertas por compositores de música

contemporânea como instrumentos potencialmente solistas, a flauta que mais se destacou no consorte⁶ e continua a ser a mais notável é a alto, devido a sua qualidade e projeção sonora.

Para O'Kelly, dos quatro tipos – soprano, alto, tenor e baixo –, a alto é a mais importante, devido a suas dimensões físicas serem mais adequadas ao *design* do instrumento, nas palavras do autor, “em termos de qualidade de som e projeção [a alto] é o instrumento solista mais adequado” (1990: 23).

O'Kelly ainda assinala que tais instrumentos, devido a sua qualidade e peculiaridade timbrística, têm funções especializadas dentro da família da flauta. A flauta contrabaixo, por exemplo, possui funções definidas nos conjuntos e suas particularidades timbrísticas e o seu manuseio são especialmente úteis. O autor destaca que a flauta contrabaixo foi recentemente descoberta por um novo nicho: a da música eletrônica.

Apesar de não ser um instrumento transpositor⁷, a flauta doce soprano soa uma oitava acima do que está escrito. As flautas soprano, tenor e contrabaixo são construídas na escala de *Dó M*, enquanto as sopranino, alto, baixo, na de *Fá M*. O flautista aplica o mesmo dedilhado básico a todos os instrumentos desta família. Não se pode deixar de assinalar que existem instrumentos construídos em outras escalas, conforme observa O'Kelly:

Durante a Renascença e também no período Barroco, as flautas doces também foram feitas em outras escalas diferentes destas. Altos em Sol e em Ré, sopranos em Ré e baixos em Sol. Estes modelos eram evidentemente bastante difundidos, a julgar pelos instrumentos que sobreviveram em coleções de museus. Estes também se revelam úteis na música contemporânea (1990: 23).

Embora existam diferenças na resposta sonora de cada tipo de instrumento da família de flauta, elas não impedem que o bom flautista transite com facilidade entre os seus naipes, movendo-se livremente de um para outro. Para O'Kelly (1990), a transitividade entre os tipos de

⁶ Entenda-se por consorte o quarteto composto pelas flautas soprano, alto, tenor e baixo.

⁷ No Dicionário GROVE, instrumentos transpositores são definidos como “instrumentos que soam em altura diferente de sua notação que deve ser transposta, acima ou abaixo, num determinado intervalo.

instrumentos é o fator responsável pela grande popularidade da flauta.

Em um quarteto de flautas, o flautista pode utilizar diferentes instrumentos desta família. Nesse sentido, muitos músicos são atraídos pela possibilidade de tocar quatro ou mais instrumentos e pela chance de executar todas as vozes diferentes em um consorte. De acordo com O'Kelly, também os compositores de vanguarda têm se interessado pela flauta.

Os compositores são igualmente atraídos pelas possibilidades de um grupo de instrumentos com a mesma técnica e som básico, mas com diferentes características de tom e timbre e onde os músicos experimentam pouca dificuldade na mudança de instrumentos no decorrer de uma obra (O'KELLY, 1990: 23).

Ressalta-se que, na literatura sobre o assunto, existe uma exceção para a aplicação de uma das técnicas expandidas a alguns naipes da flauta. Esta exceção se aplica as flautas que possuem chaves, que dificulta a aplicação da técnica “simulador de transmissor de ondas”.

Para finalizar esta seção, pontua-se que as técnicas expandidas surgiram da necessidade de alguns instrumentos desenvolverem suas qualidades musicais e técnicas, para atender a evolução da música no decorrer dos tempos. Entretanto, alguns desses instrumentos que não conseguiram se adaptar à nova realidade dos conjuntos instrumentais e desapareceram do cenário musical, a exemplo da flauta.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação musical passa por um momento peculiar. Busca-se a efetivação do ensino de música no sistema educacional regular, obrigatoriedade imposta pela Lei nº 11.769 de 18 de agosto de 2008. No entanto, convém lembrar que a educação musical, entendida como ciência ou área de conhecimento, não escapa da convivência e do confronto em constantes situações problemáticas peculiares ao atual momento, de acordo com Loureiro (2003).

Tanto a flauta quanto a ocarina podem ser bons instrumentos para a prática musical na escola, pois ambos os dois demandam pouco espaço, tanto para sua manipulação quanto para o seu condicionamento, quando não estiverem em uso.

O baixo custo também favorece a presença dos instrumentos de bisel na escola. Os diferentes materiais com que são confeccionados – de resina, passando pela madeira (o mais indicado), até a cerâmica, no caso da ocarina – fazem com que a faixa de preço seja bastante variável. Além disso, há muita facilidade para a aquisição do instrumento, tanto a flauta como a ocarina podem ser adquiridas em lojas especializadas ou pela internet, embora o último caso exija cuidados.

A facilidade de aprendizagem também configura tais instrumentos em ótima possibilidade de se fazer música no espaço escolar. Não obstante, sabe-se que o uso massivo da flauta na educação musical fez com que esse instrumento perdesse credibilidade artística. O problema se agrava quando seu ensino passa por professores não flautistas e desconhecedores das técnicas desse instrumento. Fatores assim fizeram com os alunos desacreditassem da potencialidade artística da flauta e buscassem o aprendizado de outros instrumentos, conforme aponta Benassi (2012).

OBRAS CITADAS

BENASSI, C. A. A difusão da flauta doce por meio do ensino e as implicações de seu uso indiscriminado. In: Niterói 1o **Congresso Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades**, 2012, Niterói. Anais. Niterói: UFF, 2012.

_____. **Ocarina: d'um outro tipo de flauta de bisel que também se fala.** Disponível em http://www.webartigos.com/_resources/files/_modules/article/article_110011_20130701161811067f.pdf. Consulta em 13 de out. de 2013

_____. A flauta doce hoje: a história do percurso desse instrumento na música contemporânea. **Revista Historia.com**. Ano I, nº I, 2013.

HAUWE, W. van. **The modern recorder player**. vol 1. London: Schott music LTD, 1984.

LIGGINS, D; LIGGINS C. **The ocarina: a pictorial history**. Northamptonshire: Ocarina Workhop, 2003.

LOUREIRO, A. M. A. **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas: Papyrus. 2003.

O'KELLY, E. **The recorder today**. New York: Cambridge University Press. 1990.